CONTOS AVULSOS



ESTE LIVRO CONTÉM PALAVRÕES,
PORNOGRAFIA, LINGUAGEM VULGAR,
NARRATIVAS DEGRADANTES DE VIOLÊNCIA,
MENÇÃO DE TRÁFICO DE DROGAS ILÍCITAS,
NARRATIVAS DE ESTUPROS, CRIMES DE ÓDIO,
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER,
SITUAÇÕES SEXUAIS COMPLEXAS,
E OUTRAS COISAS HORROROSAS.

SILVIO COLIN

CONTOS AVULSOS

RIO DE JANEIRO
PANDORA
2024

© 2024 BY SILVIO COLIN

CONTOS AVULSOS
COLIN, SILVIO. RIO DE JANEIRO, PANDORA. 2024.
232 PÁGINAS.

CAPA – SILVIO COLIN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Colin, Silvio
Contos avulsos / Sílvio Colin. -1ª Ed-
Rio de Janeiro: Ed. Do Autor, 2024

ISBN 978-65-01-15606-4

1 - Contos brasileiros I. Título

24-227854 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Contos: Literatura brasileira B869.3

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

AO LEITOR	1
PRESIDIÁRIO	11
"ELA DISSE-ME ASSIM..."	33
I – HELENA, ELIAS E ÁTILA	
"ELA DISSE-ME ASSIM..."	47
II – LURDINHA, LÚPI E ADERBAL	
"ELA DISSE-ME ASSIM..."	61
III – LENORA. CÁSSIO. EDUARDO	
A SENHORA IDOSA	73
FOGÃO DE LENHA	81
A TORRE	101
AINDA UMA VEZ, ADEUS	127
O BEM DO MAR	141
BICHO PEGA, BICHO COME	161
CAVEIRA DE BURRO	185
ESTÓRIA DE AMOR	205

Ao Leitor

Sempre achei um pouco exagerado o que Rilke[1] disse ao jovem Franz que "*basta sentir que seria possível viver sem escrever para não ter mais o direito de fazê-lo*."[2] Eu poderia viver sem escrever, e, não obstante, sinto-me no direito de fazê-lo. E além disso, descobri recentemente o grande prazer que é construir e escrever contos. Minha experiência como escritor, até há algum tempo, voltava-se para a escrita acadêmica. Mas escrever pequenas histórias me faz sentir quase um semideus, podendo ajeitar situações e lidar com o destino dos personagens, falar por meio de suas falas e refletir sobre as suas experiências, as que eu vivi, as que gostaria de ter vivido e aquelas que me apavorariam viver.

Apesar deste exagero isolado, amo a poesia de Rilke e sigo alguns conselhos dados ao jovem poeta. Não intencionalmente, pois reli o texto de Rilke há poucos dias, depois de quase sessenta anos. Sigo-os talvez por terem sido gravados indelevelmente em mim.

– Volte-se para si mesmo e se aproxime da natureza, para sondar as profundezas de onde vem a sua vida.

– Acolha os temas do seu próprio cotidiano.

---

[1] Rainer Maria Rilke (1875-1926). Poeta amplamente reconhecido como um dos maiores poetas líricos de língua alemã. Sua poesia é uma reflexão existencialista e contém questões próprias do desencantamento da primeira metade do século XX. Influenciou muitos autores e intelectuais de diversas partes do mundo.

[2] "Cartas a um Jovem Poeta". R. M. Rilke. Publicação póstuma de 1929.

– Utilize, para se expressar, as coisas de seu ambiente, as imagens de seus sonhos e os objetos de sua lembrança.

– Descreva com sinceridade suas tristezas, desejos, e os pensamentos passageiros.

Sigo-os desde meu primeiro livro de ficção e nesta coleção não é diferente. Porém, os meus trabalhos anteriores estavam ligados entres si por uma relação temática. "Contos e memórias de um tardio aprendiz" trata de fatos por mim vividos. "Mulheres da Bíblia" são histórias atuais que repercutem narrativas bíblicas sobre mulheres.

Neste trabalho, entretanto, não há nenhum tema que faça a ligação entre as narrativas. Por isso os chamei de "Contos avulsos". Vou dizer algumas palavras sobre eles.

ELA DISSE-ME ASSIM.

Se dizemos, para exaltar um texto, um desempenho ou interpretação de uma mulher: *"Ela escreve com o útero"*, ou *"Ela canta com o útero"*, podemos dizer que o querido Lupicínio Rodrigues escreve com os colhões, tal o seu primitivo e ingênuo machismo. Ouço a canção *"Ela disse-me assim*" desde que ela foi lançada, em 1959, por Jamelão, e sempre que me lembro dela, me vem a pergunta: a mentira, a traição, tem consequências?

A trilogia que escrevi é uma tentativa de resposta. Incomodam-me alguns pontos cegos na sua letra. O primeiro deles é que a narrativa inclui três pessoas, mas apenas duas sofrem. *"Ela sofre porque foi fazer o que eu quis"* e "*O remorso está me torturando*". A terceira pessoa, a que foi traída, não é mencionada.

Há ainda um outro pensamento sempre me vinha. "Este cara fez isto de propósito! " Qual o ser vivente, dotado de uma inteligência mediana, que vai propor sexo a uma parceira, na casa desta, na hora do marido chegar, se não for para causar.

E vamos adiante. "Ela sofre...". Como sofre? Uma dor moral, o desprezo, o abandono, problemas financeiros, uma fratura nas costelas? Tudo vai depender do temperamento das pessoas envolvidas, sobretudo da terceira pessoa, que é claramente menosprezada. Estas questões me induziram a escrever as três histórias, com personagens de temperamentos diferentes, e quais as consequências que podem advir destas ligações.

FOGÃO DE LENHA

Um tema recorrente, desde os tempos bíblicos[3]. Uma pessoa deixa o lar paterno para tentar a vida, e vê que a esta não é fácil de ser vivida, e decide voltar à segurança e felicidade primitivas. O imaginário popular, sobre este tema, inspira diretamente o conto "Fogão de Lenha".

Não somente na música, mas também na lírica brasileira, encontramos este tema. Lembro-me que, quando criança, no Dia das Mães, eu recitava, tirando lágrimas dos adultos ouvintes:

"Mãe, hoje eu volto a te ver na antiga sala,
onde uma noite te deixei sem fala...",

do "*Poema das Mães*", de Giuseppe Ghiaroni [4]. Ou ainda o clássico soneto de Luís Guimarães Junior, "*Visita à casa paterna*":

"Como a ave que volta ao ninho antigo,
depois de um longo e tenebroso inverno...".

Ou ainda na canção "O portão", do indefectível Roberto Carlos:

"Eu voltei, agora pra ficar..."

3 Cf . Evangelho de São Lucas 15:11-32. Parábola do filho pródigo.

4 GIUSEPPE GHIARONI. (1919 – 2008) foi um poeta, jornalista e radialista brasileiro. Figura atuante na Rádio Nacional, autor de novelas, peças radiofônicas e de teatro de grande sucesso. O seu "Poemas das mães" foi gravado pelo ator Paulo Gracindo ( ) em 1956.

Há também um aí ponto cego: a ideia de que, ao voltar, as coisas estarão como a deixamos. Como se o tempo tivesse parado e não mudasse os espaços. Nos exemplos citados existe uma grande mentira: Lá, as coisas não mudaram. O cachorro do Roberto continuaria sorrindo. Mas o cachorro já morreu, dez anos depois. Não existe mais lenha para abastecer fogões, os fogões são a gás ou elétricos. E esta percepção do Tempo e da realidade alimentam a minha história.

O BEM DO MAR

Um dos primeiros discos LP[5] que tive foi uma coleção de Dorival Caymmi: "*Canções Praieiras*". Um tema insistente deste compositor é a tragédia do pescador que sai para trabalhar e não volta do mar. Sempre me impressionou e comoveu. Vária canções deste autor nos lembram este drama. "*A jangada voltou só*", de 1954, estão descritos os personagens Chico, Ferreira e Bento. No álbum "*Caymmi e o Mar*", de 1957, ganhamos de presente um inusitado clássico da música brasileira, uma suíte, "*História de Pescadores*", onde aparecem mais personagens, Pedro, Zeca, que desafiaram o vento, seu maior inimigo, e perderam a batalha. Aí conhecemos também a esposa, que promete, na volta, uma caminha perfumada de alecrim, e a noiva, Rosinha, que endoideceu. Ai estão os elementos do conto "O bem do Mar".

Mas, desta vez é Caymmi e não Lupicínio. E Caymmi não tem ponto cego. Caymmi não tem fraturas na narrativa. Tudo é cristalino. Se não temos um ponto cego, criemos um. A primeira afirmação do autor:

"A jangada saiu com Chico, Ferreira e Bento."

[5] LP – Abreviatura de *Long Playing Record.* Assim chamávamos os discos com várias faixas gravadas, hoje chamadas de discos de vinil, ou mesmo vinil. Desde os anos 1920, os discos fonográficos eram gravados em baquelita, plástico facilmente quebrável, com 78 rotação por minuto e apenas com uma faixa de cada lado. No final de década de 1940, surgiram os discos de vinil, de 10 polegadas e logo após de 12, com tecnologia que permita gravar 5 e depois seis faixas de cada lado, em $33^{1/3}$ rotações por minuto. No final do século XX a gravação de discos foi substituída pela tecnologia digital.

é verdadeira? E se não for? E aí nasceu a nossa história.

AINDA UMA VEZ, ADEUS

Outra narrativa recorrente: o cara, um fracassado, abdica do seu amor para salvar a amada da miséria. O tango "*Confesión*"[6] trata do tema. Eu não acredito neste tipo de altruísmo. Acho que é hipocrisia fazer-se de vítima e sofredor, quando, na verdade, faltou coragem para enfrentar a barra. A história de Antônio Gonçalves Dias e Ana Amélia Ferreira do Vale é real e conhecida. Inspirou um dos mais belos e comoventes poemas de amor da lírica romântica brasileira: "*Ainda uma vez adeus*". E esta saga instila o meu conto. Mas se a vida real é prodiga em temas para narrativas, às vezes não se atém ao ritmo literário e catarse. Então a minha história mudou alguma coisa aqui e ali.

A SENHORA IDOSA

Este é o único trabalho desta coleção que já foi publicado.[7] Escrito para participar de uma coletânea de contos sobre a Amazônia, a história nos fala da permanência da corrupção no tempo. Partindo de uma frase de uma "presidenta" do país, de que "a corrupção é uma senhora idosa", fomos buscar este exemplo. Realmente a corrupção tem longa data nesta terra garrida, florão da América, mas agora fulgura sob os raios fúlgidos do sol, depois de muito aperfeiçoada nas últimas décadas. A história fala do desastrado, corrupto e imoral governo de Manuel Joaquim do Paço, governador da Capitania de São José do Rio Negro, que depois viria

[6] "*Confesión*", de Enrique Discépolo e Luís Cesar Amadori, de 1930. Teve uma versão de Lourival Faissal, gravada em 1956 por Dalva de Oliveira.

[7] RODRIGUES COLIN. Maria Joana. *"O Eldorado é Aqui. Contos do Amazonas. "* Rio de Janeiro. Imprimatur. 7 Letras. 2016.

a se tornar o Estado do Amazonas, de 1818 a 1821, procurando retratar a depravação, a indecência, o descaramento e abuso de poder, que, passados já duzentos anos, nada ficam a dever à práticas e discursos de hoje

PRESIDÁRIO

Este conto não tem uma história para contar. É fruto, não de um enredo, mas de um sentimento, a náusea perante um mundo que se esvazia de significado a cada dia e perde o seu sentido maior. Um mundo em que as pessoas são condenadas a viver, são vigiadas, e protegidas de seus próprios desejos.

A forma de diálogo pareceu-me conveniente. Diferentemente da narrativa, esta forma é mais aberta a interpretações. Não há o narrador onisciente, nem o discurso livre, que já apresentam um quadro formado de conceitos. O mundo, seus personagens, suas regras, suas inconsistências vão sendo construídos aos poucos pelo leitor.

BICHO PEGA, BICHO COME

Este é um tempo de partidos, muito mais partidos que no tempo do Drummond[8]. Viemos em uma cidade partida, muito mais partida do que a do Zuenir Ventura[9]. Chacinas acontecem diariamente. Não há valores definidos a compartilhar. Tudo depende da cor do filtro com que se observa. A violência vem de todos os lados. Há uma guerra e não há heróis nem vilões. São todos da mesma fornada. Porém, neste lúgubre cenário podem nascer bons sentimentos, que precisam iludir as polícias, as milícias, os

[8] Cf. NOSSO TEMPO, poema de Carlos Drummond de Andrade. In "*A rosa do Povo*", 1945

9 Cf. CIDADE PARTIDA. Livro de Zuenir Ventura de 1994. O livro acompanha a vida de moradores de Vigário Geral, onde acontecera uma chacina histórica na madrugada do dia 29 de agosto de 1993. A favela foi invadida por um grupo de extermínio que arrombou casas e executou vinte e um moradores

bandidos e os ditos homens bons para poder sobreviver, senão o bicho come".

A TORRE

A condensação de duas obras me deu material para o conto "A torre". A primeira foi o filme "O diabo, a carne e o mundo"[10] e a segunda o poema de Drummond, "A torre sem degraus"[11]. Nele falamos de uma fatal ruptura, de uma grande descontinuidade da vida social como a conhecemos.

Uma sombra que nos assusta há muito tempo – o risco de uma guerra nuclear, que pode nos destruir e a tudo o que conhecemos, do modo como conhecemos. As minhas referências, o filme e o poema, datam de pelo menos cinquenta anos, o que quer dizer que a estupidez coletiva, o desejo de poder inconsequente, a nossa apreensão, o medo, a privação, as dificuldades com relação ao nosso habitat, têm uma longa história. Entretanto, as representações são atuais. Se falarmos que se trata de uma distopia, estaremos dizendo que ainda não estamos lá, não vivemos uma distopia. Ora, se distopia é um lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação[12], o que nos falta para dizermos que estamos que já chegamos a ela? A verdade é que não mais nos reconhecemos no nosso ambiente, e não temos ferramentas necessárias para vislumbrar alguma coisa que nos faça pensar neste pertencimento. Este é o tema ou a questão levantada em nosso conto. Violência banalizada e generalizada, a ruptura, a infelicidade, a náusea existencial, a privação. Vivemos em um mundo completamente fraturado, e talvez a questão não seja consertar as fraturas, mas aceitá-las e conviver com elas.

---

[10] THE WORLD, THE FLESH AND THE DEVIL filme de 1959, dirigido por Ranald MacDougal, inspirado livremente no romance "*The purple cloud*" de M. P. Shiel de 1901.

[11] A TORRE SEM DEGRAUS. Poema de Carlos Drummond de Andrade, do livro "*A falta que ama*", de 1968.

[12] Em grego, a partícula δυσ (translit. "dis" ou "dys") exprime 'dificuldade, dor, privação, infelicidade'; a palavra τόπος (translit., topos) significa 'lugar'. Portanto, 'distopia' quer dizer 'lugar infeliz, ruim'

CAVEIRA DE BURRO

Um mote tão antigo como a existência do homem na terra, é a oposição natureza e cultura, ciência e magia, tradição e progresso, ruptura ou permanência.

A natureza foi aceita como mãe provedora até o século XVI. Talvez a maior expressão da ruptura deste estado seja o chamado "espírito baconiano"[13]. A natureza agora deveria ser escrava do homem. Seria fácil listar todos os benefícios e os males que a ciência nos trouxe. A verdade é que esta história não terminou, e o homem está gradativamente percebendo que exagerou. E a conta está vindo insistentemente. Nas mudanças climáticas e ambientais, nas invenções que se tornam grandes problemas, na crise global de abastecimento, na fome e na miséria estruturais...

É neste cenário que se digladiam os nossos personagens de *"Caveira de Burro"*. Questões menores, por certo, mas emblemáticas de um futuro não muito promissor.

[13] ESPÍRITO BACONIANO. Referente a Francis Bacon (1561-1626) político, filósofo empirista, cientista, ensaísta inglês. É considerado como um dos fundadores da Revolução Científica. Os termos em que Bacon defendeu o novo empirismo investigativo era apaixonado, e, com frequência, colérica. A natureza, na opinião dele, tinha de ser "acossada em seus descaminhos", "obrigada a servir", "escravizada". Deveria ser reduzida a obediência e os objetivos dos cientista era "extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos"(Cf. MERCHANT, Carolyn. "*The death of nature*", 1980). Apud CAPRA. Fritjof. *"O ponto de mutação". (The turning point.1982).* Cultrix, 1995.

ESTÓRIA DE AMOR[14]

Estou até hoje procurando uma justificativa para ter escrito este conto. Quando procuramos justificativas é porque pensamos estar devendo algo. Não é uma história original. É baseada em uma fonte secundária, um filme realizado em 1995[15], por sua vez, baseado em um romance. Então eu apenas adaptei e trouxe para a nossa realidade atual uma história já pronta. Muitos dos diálogos eu copiei do filme.

Meu diabinho sinistro diz que estou fraudando o leitor. Meu anjinho destro argumenta: "Seu boboca, você mudou o meio de comunicação, você mudou o contexto, você acrescentou coisas suas, editou a história. Até escreveu na primeira pessoa. Isto o torna um conto original. Além disso, boas histórias devem ser recontadas, de tempos em tempos, para outros públicos, que vão entendê-las de maneira diferente".

Tudo isto é discutível. O que me convenceu mesmo a incluí-la nesta coleção é que é uma bela história. Uma das mais belas histórias de amor que eu conheço. Um romance perturbador e sofrido entre uma prostituta e um suicida. Duas pessoas rejeitadas pela sociedade e que encontram uma na outra uma pausa em seu desconsolo.

---

[14] Gostaria de esclarecer o uso da palavra |*estória*|no título deste conto. No restante do livro, me utilizo sempre |*história*|. Como sabemos, na língua inglesa temos |*history*|– conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade e sua evolução, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido, confrontando com |*story*|– narrativa, geralmente ficcional ou reportando um fato do cotidiano. Na língua portuguesa é mais comum a utilização da palavra |*história*| em ambas as situações. Pareceu-me, entretanto que, no caso específico deste conto, a palavra |*estória*| expressa melhor o lado casual, frágil, contingente e imprevisível das situações vividas pelos personagens. Porém, somete utilizo o termo no título. No restante do texto, bem como em todos os outros contos, utilizo |*história*|. N.A.

[15] "LEAVING LAS VEGAS", filme de Mike Figgs de 1995, baseado no romance homônimo de John O'Brien (1960-1994), escrito em 1990. O autor suicidou-se poucas semanas depois de saber que sua história seria levada às telonas. O pai do autor disse que o romance era uma nota de suicídio.

Vou parafrasear o compositor dos meus tempos de juventude, para findar as minhas justificativas. Toda a dor da vida me contou esta história, que, enternecido, pensei que fosse minha.[16]

—

Aí está, portanto, minha nova coleção de contos. Uma estranha e mal cerzida colcha de retalhos. Foi vã a minha tentativa de buscar um ponto comum, com o qual pudesse apresentá-los como uma série contínua e coerente. Por isso: "Contos Avulsos". Há sim, afinidades entre algumas peças. Poderíamos falar de contos inspirados em canções, de contos inspirados na náusea existencial, em contos atuais, em contos históricos. Mas estas categorias se fundem e se misturam.

A esta preocupação, juntou-se outra menor, mas imperativa, a de terminar esta apresentação e entregar logo os contos à leitura. Falei com uma amiga cotovia, que falou com o rouxinol do dia, que falou com a sabiá. Esta me mandou um avigrama.[17]

– *"Seu idiota. Deixa de encucação e manda ver".*

Falou!

[16] Cf. "ATÉ PENSEI", modinha de Chico Buarque, gravada em 1968. A frase parafraseada refere-se aos últimos versos da canção: *"Toda a dor da vida/ me ensinou esta modinha/ que, de tolo, até pensei que fosse minha".*

[17] Cf. "*Pátria minha*". Poema de Vinícius de Moraes, de 1949.

PRESIDIÁRIO

– Pode entrar.

– Com licença.

– Sente-se.

– Obrigado.

– Eu sou seu consultor e administrador de permanência. Trate-me de Sr. Consultor. Eu vou chamá-lo de presidiário e de você. Está bem assim?

– Está bem.

– Não sei se você está familiarizado com o nosso tesauro[18] atual. Eu vou esclarecer, embora você já deva saber de muita coisa. Mas é costume. É que aqui lidamos com presidiários, prisioneiros, penitenciados, apenados e internos. Presidiários são apenas protegidos pelo Estado. É latim. *Præsidium*–proteção. Prisioneiros estão em prisão, interna ou externa. Penitenciados têm que cumprir penitência temporária, tipo morar com a sogra, com o cunhado, prestar serviços comunitários. Coisas assim. Apenados têm que cumprir uma pena. Interna, com reclusão, ou externa, com monitoramento. Certo?

– Certo, senhor.

– Alguma pergunta?

---

[18] TESAURO. Vocabulário de um ramo do saber que descreve sem ambiguidade os conceitos a ele atinentes.

– Sim senhor. Somos protegidos de quê mesmo?

– Vocês são protegidos de vocês mesmos. De maus pensamentos, de desejos que não se enquadrem no nosso modo correto de viver.

– Quem não precisa de proteção é o que?

– É o que chamamos homens bons, ou dignos.

– Estes quem são?

– São pessoas influentes na sociedade, senadores, deputados, vereadores, empresários, magistrados, seus apaniguados, geradores de empregos. Cada homem bom tem direito a indicar quinze apaniguados. Todos estes gozam de imunidade presidial.

– Mas e os que não têm essa imunidade.

– Estes são presidiários, o que basicamente consiste em submissão ao monitoramento presidial. Entendeu?

– Acho que sim.

. . .

– Vamos então começar. Qual é a sua imputação?

– Perpétua.

– Chato, hein? Que merda! Você não se incomoda de ouvir uns palavrõezinhos, de vez em quando, incomoda?

– Não, senhor.

– É que eu, de vez em quando falo uns palavrõezinhos. Não é para me divertir, é que eles definem melhor as coisas, você não acha?

– Acho sim, senhor.

– Perpétua?! Mas qual foi a sua codificação.

– Artigo 006, senhor.

– Artigo 006... Hum, deixe eu ver aqui no meu manual. Desculpe-me. Eu não estou familiarizado. Eu era de outra instituição, o presídio LGBT, Conhece?

– Conheço sim, senhor.

– Estou tão desatualizado. Eu era do tempo que era LGBT, agora tem mais letras, mas eu não decorei. As coisas mudam, não é? Antigamente era BNDE, agora é BNDES. Antigamente era INPS, agora é INSS. As letras mudam, aumentam. As coisas vão ficando mais complicadas e poucas letras não dá para definir. Esta instituição, eu já decorei HBOHnSL**,** quer dizer**: "**Homem. Branco. Ocidental. Heterossexual, nível Superior. Latino". Está aqui o compêndio. Olha o tamanho deste livro! Todos são assim, enormes. Deixe eu ver aqui o capítulo das sentenças e dosimetria. Aqui está: 008 – Licença para morrer. 007 – Licença para matar. 006 – Coação para viver.

. . .

– Mas o que você fez para ser enquadrado neste artigo?

– Eu não fiz nada, não foi culpa minha, senhor.

– Todos dizem isso. Uma coisa que nós, que trabalhamos em instituições presidiárias e afins, nos acostumamos é a não acreditar na inocência alegada pelos presidiários. Todos se dizem inocentes, mas você vai futucando, futucando, e vê que ninguém é inocente.

– No meu caso, é verdade. Eu não fiz nada. Foi culpa de meus pais, senhor. Eles quiseram. Eu não pedi. Eles me deram a vida e me coagiram a vivê-la.

. . .

– Presidiário, eu vejo na sua ficha que você tem direitos que não está usufruindo. Você os conhece?

– Alguns, senhor.

– Você tem direito a ler jornais, e não lê. Porque?

– Não acho necessário, senhor.

– Você sabia do tsunami de dezembro de 2004, na Indonésia, 230 mil pessoas morreram.

– Sabia, senhor.

– Sabia que na copa de 2014, no Brasil, a Alemanha deu de sete a zero no Brasil, no Mineirão?

– Sete a um, senhor.

– Qual é a diferença?

– Seis.

– O quê?

– A diferença foi de seis.

– O que eu quis dizer é que sete a zero e sete a um é a mesma coisa. A mesma humilhação. – Sabia que era o técnico da seleção?

– O Felipão.

– Sabia que em fevereiro de 2022, o Putin invadiu Ucrânia, e já morreram mais de 300 000 pessoas, entre civis e militares.

– Sabia, senhor.

– Sabia que o número de palestinos mortos no conflito entre Israel e Hamas chegou a mais de 150 mil na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, contra 2 200 israelenses.

– Não sabia o número de mortos, senhor.

– Mas se você não lê jornal, não vê noticiário de televisão, —estou aqui lendo no seu prontuário–, como você sabia?

– Todo o mundo sabe, senhor.

– Mas não sabem que foram 300 000 mil mortos na Ucrânia, a maioria civis.

– Cem mil... vinte mil... é a mesma barbárie. Não faz diferença. Só para quem morre.

– Mas sete a zero e sete a um faz diferença?

– Não faz, não. É humilhante do mesmo jeito. Mas eu posso contar nos dedos.

– Você não gostaria de ler os jornais?

– Não senhor.

. . .

– Muito bem. Mas você tem direito a visitas íntimas e há mais de dois anos não está usufruindo deste direito.

– Certo, senhor.

– Durante treze anos você teve visitas íntimas com ligação estável. Duas vezes por semana, depois uma vez. Depois passou a ser quinzenal, depois mensal. Depois parou. O que aconteceu?

– Nós terminamos.

– Por que?

– Ela arranjou uma presidiária, do LGBT, e não quis mais.

– O que você sentiu.

– Ah! Fiquei arrazado, senhor. Humilhado. Ser trocado por uma mulher.

– Ser trocado por um homem seria melhor?

– Acho que seria pior.

– Por que você acha que ser trocado por uma mulher foi melhor do que ser trocado por um homem.

– Não sei, senhor. Tenho que pensar.

– Então pense.

– Talvez... porque... com um homem... com uma mulher é uma disputa desigual. Acho que é isso.

. . .

– Aí você foi condenado à solitária, por constatada neuropatia melancólica, por dois anos, sem interrupção de atividades produtivas. Neste período, consta aqui mau comportamento, brigas frequentes e má avaliação dos supervisores de atividades, provocando extensão de permanência.

– Certo, senhor.

. . .

– Tem aqui um outro caso de ligação estável com visitas íntimas. Oito anos.

– Certo, senhor.

– Visitas frequentes no primeiro ano. Depois diminuíram. No último ano apenas duas visitas íntimas, oito visitas sociais, e duas visitas compartilhadas.

– Estas foram no aniversário dos nossos filhos.

– O que deu errado desta vez?

– Insatisfação unilateral.

– Da parte de quem?

– Dela, senhor.

– O que ela alegava?

– Insuficiência de ativos de provimento.

– Deixe eu ver... Mas você ganhava bem. Acima da média. Dois mil e quinhentos dólares americanos mensais. E ela também contribuía com mil dólares mensais. Uma renda familiar de três mil e quinhentos dólares. Não era bom?

– Ela achava que era pouco.

– E o que aconteceu?

– Ela pintou o cabelo de vermelho, me deixou e casou com um executivo.

– Ela está bem agora? Satisfeita?

– Não sei, senhor. Só sei que ele está preso. Dela não tenho notícia, há mais de um ano.

– E você, o que sentiu?

– Sofri muito, senhor. Desta vez tinha os filhos. Eles acharam que a culpa era minha, pela separação. Porque eu não me esforcei para ganhar mais.

– Vamos falar dos seus filhos. Quantos são?

– Tenho um casal.

– Como assim?

– Um casal.

– Mas eles se acasalaram?

– Não, senhor.

– Absurdo! Vamos começar de novo. Você tem filhos?

– Sim, senhor?

– Quantos?

– Dois.

– São adultos ou crianças.

– São adultos. Quer dizer... tem idade de adultos.

– Qual o sexo biológico deles?

– O mais velho é homem e a mais nova é mulher. Um casal.

– Veja se me entende. Irmãos não podem ser um casal. Segundo o nosso tesauro, casal é um "par de pessoas cuja relação é amorosa e/ou sexual". Irmãos não podem ser um casal. É crime. Antigamente, quando a constituição era laica, não era crime. Agora com a constituição laico-eclesial, tudo que era pecado passou a ser crime. Não se pode falar assim, presidiário. Um filho e uma filha são um filho e uma filha. Uma dupla de filhos, não um casal.

– Entendi, senhor.

– Qual a idade deles?

– Ele tem 25 e ela 23.

– São heterossexuais, cisgeneros?

– Como eu vou saber, senhor. Não os vejo a mais de cinco anos. Não sei o que eles fazem quando namoram. Nem sei se namoram. E nem sei o que é cisgenero.

– Cisgeneros – que se identificam com o gênero evidente biologicamente. Diferente do transgênico. – Vou colocar aqui. Sexo masculino e feminino. Gênero ignorado. Está bem assim?

– Se o senhor diz, está bem.

– Há quanto tempo você não os vê?

– Perto de cinco anos.

– Eles moravam com vocês.

– Depois da separação, ficaram sob a guarda da mãe.

– E você concordou?

– Concordei. Eles quiseram assim.

– Você não sabe da mãe? E deles você sabe?

– Acho que sei. Ele está em Antibes, na França. Ela está na Somália.

– Antibes. Onde é Antibes?

– É na França. Entre Nice e Cannes. Na Côte d'Azur.

– Mas como ele foi parar lá?

– Ele é mochileiro, sabe? Saiu daqui para a França para fazer o Caminho de São Tiago. Em Marselha, encontrou e fez amizade com um estudante de publicidade. Era aluno do Washington Olivetto, um importante e muito sofisticado publicitário brasileiro. Disse que um publicitário de sucesso tinha que conhecer Vieil Antibes. Disse que o lugar da moda, mais chique e seleto do mundo. Ele foi para lá.

– Mas ele não foi para o Caminho de São Tiago por motivos espirituais?

– É. Parece que mudou de ideia.

– Ele foi com o amigo?

– Não! O amigo está em São Paulo, numa agencia de publicidade. Tem letras no nome. Mas eu não lembro. O amigo é que me contou a história, por telefone.

– E o seu filho?

– Ele me mandou um cartão, há dois anos.

– Mas como ele sobrevive lá, um lugar sofisticado.

– Ah... parece que é valete de hotel, carregador... disse que dá para pagar uma vaga num albergue e comer numa pensão. Comida mediterrânea.

– E sua filha.

– Ela é voluntária de uma ONG de assistência social. Está na Somália. Cruz Vermelha, UNICEF, uma coisa assim.

– Como ela foi parar lá?

– Não sei, senhor. Acho que queria fugir para longe.

– Você tem notícias dela?

– Ela me mandou um cartão. Faz mais de três anos.

– Por que ela foi parar na Somália. Se ela queria prestar serviços humanitários, aqui tem tanto lugar. Na Amazônia, no Nordeste, nas favelas das metrópoles? Por que tão longe?